

CARTILHA DE DIRETRIZES PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA



Fortaleza
2022



CARTILHA DE DIRETRIZES PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

Universidade Federal do Ceará - UFC
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

Disciplina Práticas de Ensino em Educação Inclusiva

Organizadoras:



Francisca Geny Lustosa

Pós-Doutora na UERJ e Doutora em Educação pela UFC. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, ministra as disciplinas de Educação Especial, Educação Inclusiva, Práticas de Ensino em Educação Inclusiva e Letramento e Alfabetização. Coordenadora do Grupo Pró-Inclusão: Pesquisa e Estudos sobre Educação Inclusiva, Práticas Pedagógicas e Formação de Professores



Kelma de Freitas Felipe

Assistente Social do IFCE. Doutoranda Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará. Integrando do Grupo Pró-Inclusão: Pesquisa e Estudos sobre Educação Inclusiva, Práticas Pedagógicas e Formação de Professores

Autores(as):



Álida Santos de Sousa

Estudante do 8º semestre do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Ex Pibidiana, monitora da disciplina de Geografia do Brasil e Geografia Agrária (PID)



Isabel Andressa Gomes de Moura

Estudante do 7º semestre do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista do PID.



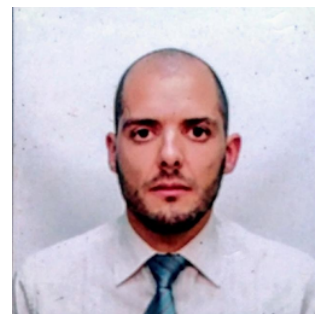
Mariane Lemos Abreu

Estudante do 8º semestre do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Ex Pibidiana, bolsista do Programa de acolhimento e incentivo à permanência - PAIP.



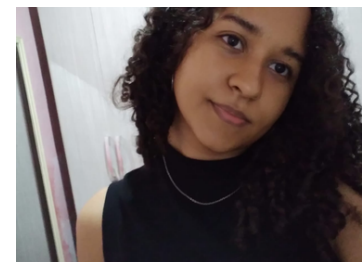
Raquel Pereira Arruda

Estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Técnica em Redes de Computadores



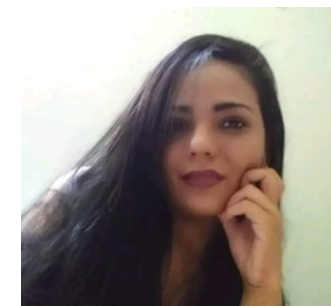
Fábio José de Souza

Estudante do 8º semestre do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Ex Pibidiana, monitora da disciplina de Geografia do Brasil e Geografia Agrária (PID)



Maria Kelly Cristine Nascimento Lima

Estudante do 6º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista do projeto de extensão do setor de estudos da educação especial.



Mônica Bispo de Freitas

Estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC.



Vitória Ketllyn Matias da Silva

Estudante do 3º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista do Pro-inclusão,

Declaração de Salamanca



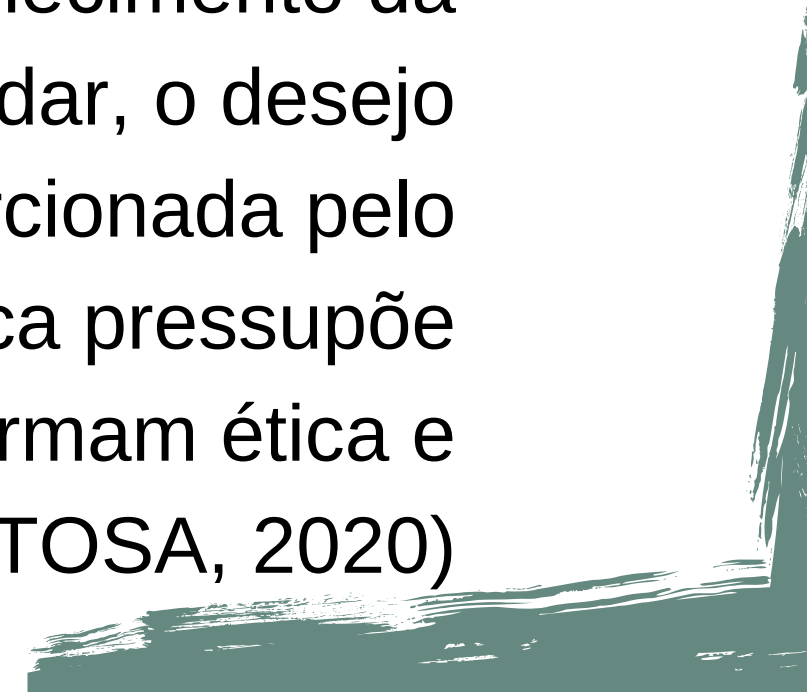
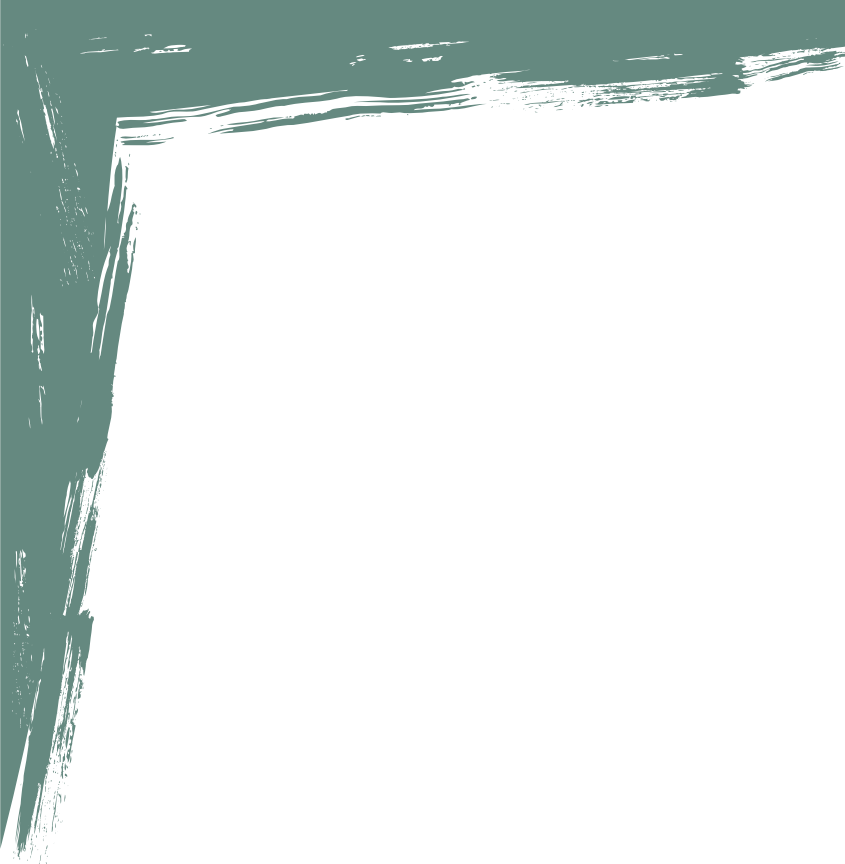
“Toda criança tem direito fundamental à educação e deve ser dada a ela a oportunidade de atingir e manter um nível adequado de aprendizagem”

“Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem únicas. Sistemas e programas educacionais devem ser designados e implantados para contemplar a ampla diversidade dessas características e necessidades”

“Crianças com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deve acomodá-las através de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer tais necessidades”

“Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando a Educação para todos”

Declaração de Salamanca, 1994




A inclusão requer vontade e desejo. O reconhecimento da inclusão requer, antes de tudo, a vontade de mudar, o desejo como via e recurso para a transformação proporcionada pelo paradigma da inclusão, uma vez que alterar a prática pressupõe ressignificar os quadros de referências que lhes formam ética e pedagogicamente. (LUSTOSA, 2020)



Dedicatória

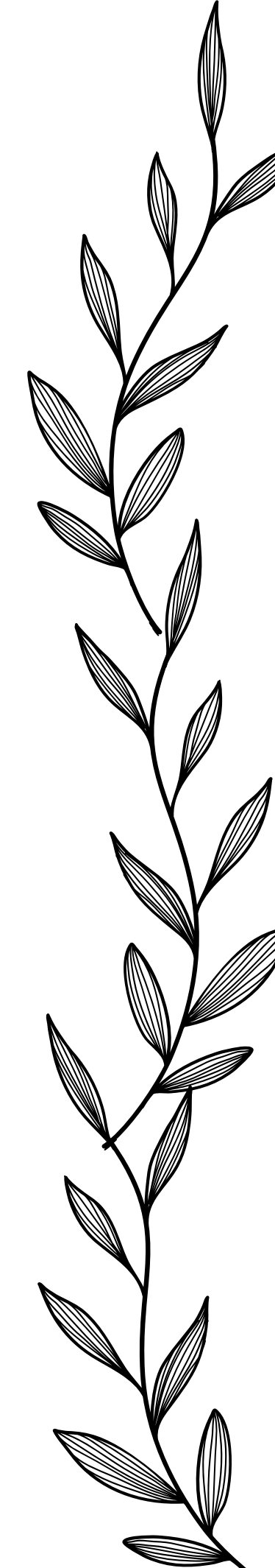
“Às crianças, aos jovens e aos adultos com deficiência,
por suas lutas históricas e conquistas em prol de uma
sociedade melhor, inclusiva e equânime.

Às professoras e aos professores que acolheram a
diversidade de todos os seus alunos(as) e assumiram o
paradigma inclusivo como ética pedagógica e humana.



Índice

| | |
|--|----|
| Apresentação | 08 |
| 1. Caminhos para à inclusão | 10 |
| 2. A importância do planejamento | 18 |
| 3. Articulação entre professor e profissional da sala do AEE | 28 |
| 4. A utilização de Tecnologias Assistivas | 30 |
| 5. Práticas Pedagógicas Inclusivas - recomendações | 32 |
| 6. O que não se deve fazer | 35 |
| 7. Dicas extras | 37 |
| 10. Referências | 39 |



Apresentação



A presente cartilha foi elaborada como atividade final dos estudantes da disciplina Práticas de Ensino em Educação Inclusiva, cursada na Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Ceará, curso de Pedagogia, semestre 2022.1, ministrada pela profa dra. Francisca Geny Lustosa.

Tal documento, tem por objetivo colaborar com educadores para melhor compreensão de diversos aspectos da educação inclusiva.

A elaboração deste material não busca criar um "receituário" para práticas pedagógicas inclusivas, visto que cada estudante, com suas especificidades (seja ela ou ele com deficiência ou não), requer metodologias significativas para melhor potencializar sua aprendizagem.

Nesse sentido, por meio deste documento, queremos colaborar com educadores (as) no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, oportunizando um confronto com a realidade que vivenciam no espaço escolar e as conceituações teóricas em busca da práxis e em defesa de um olhar cuidadoso, intencional e de formação contínua dos(as) agentes escolares envolvidos.

Apresentação



Queremos destacar que a produção deste documento é fruto de reflexões em aula e momentos pós-aula a partir de discussões de textos, histórico de tratados e documentos legais, palestras, videoconferências e observações do trabalho de profissionais de sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) em escolas de Educação Básica de Fortaleza, tudo balizado na leitura do livro *Inclusão, o olhar que ensina!: a construção de práticas pedagógicas de atenção às diferenças*, das autoras Francisca Geny Lustosa e Rita Vieira de Figueredo.

Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/61678>>.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura, consulta, compartilhamento e revisão de práticas pedagógicas.

1 . Caminhos para a inclusão...

É na convivência com o outro que a educação inclusiva acontece, na troca de vivências e saberes. (Mônica Bispo, estudante de Pedagogia da FAGED)

Para iniciar nossa discussão queremos fazer uma defesa de que o conceito de Inclusão deve ser um assunto tratado desde cedo nas escolas, pois o preconceito, o bullying e a discriminação são circunstâncias que, muitas vezes, acontecem pela falta de diálogo sobre as diferenças que nos fazem iguais, sobre respeito as diversidades, as deficiências, as dificuldades que nos constituem como humanos...



Fonte: Googleimagens

Assim, quando falarmos sobre inclusão estamos realizando o exercício de pensar sobre os indivíduos com total atenção em relação a suas necessidades, a fim de traçar objetivos intencionais para auxiliar, apoiar e ajudar a mudar paradigmas sociais, educacionais relacionados não somente às pessoas com deficiência, mas a todos que sofrem com a exclusão.

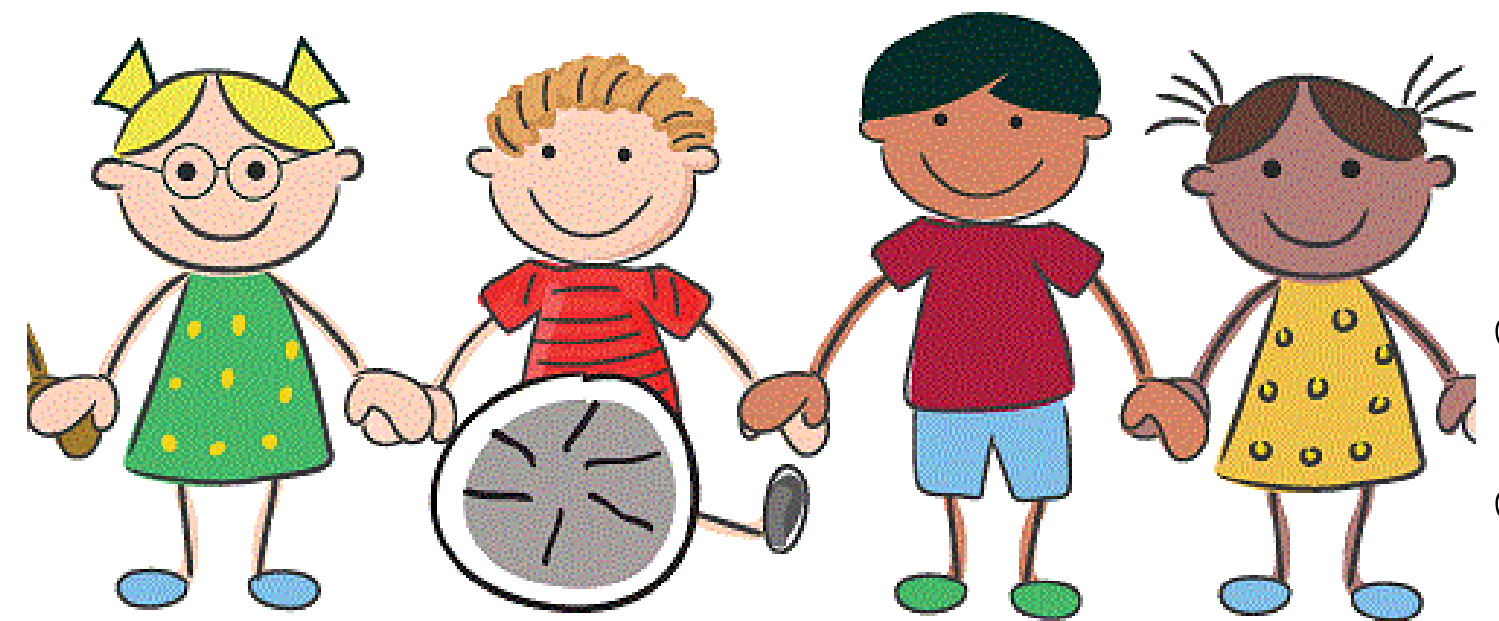
Inclusão em educação é uma questão de empatia e afetividade com os sujeitos historicamente excluídos! Pois, como professor(a) posso, ainda que não perceba, está reproduzindo processos históricos de exclusões e de preconceitos que julgo ser contra!



O tema inclusão deve ser falado no dia a dia da escola e também das famílias considerando ser esta uma extensão do espaço escolar.

No ambiente familiar as crianças e adolescente levam assuntos, atividades, convivência e questões faladas no espaço escolar e que também precisam ser tratadas com seus familiares e vice-versa.

O ambiente familiar deve ser acolhedor e um local de exposição de temas que oportunize reflexões importantes e busca de mudanças estruturais.



Desta forma, quando falamos sobre inclusão escolar não estamos tratando de um assunto de responsabilidade apenas do professor. Para desenvolver processos inclusivos faz-se necessário realizar um trabalho colaborativo com professoras (as), familiares e todos os demais profissionais da educação, além da participação de toda uma rede de apoio da comunidade externa.

Além disso, faz-se necessários recursos e garantia de processos formação para a instauração de um ambiente acolhedor a todos, livre de preconceito e execução de um bom ensino.

**“A escola é também um lugar de construção de identidade.”
(Mariane Lemos)**



No desenvolvimento do processo educacional inclusivo, educadores devem desenvolver a todo instante uma postura crítica e reflexiva sobre sua própria prática docente, indagando-se, frequentemente, sobre:

1. Nas práticas que desenvolvo estou incluindo todos os meus estudantes?
2. De que forma posso melhorar minha forma de atuação?



Fonte: Googleimagens

Para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas é importante que no espaço escolar se tenha momentos de diálogo sobre temas relacionados à inclusão, como por exemplo falar sobre o que é capacitismo e como algumas frases ditas cotidianamente são capacitistas.

Exemplo de frases capacitistas



1 - Você só dá mancada!

(Mancada vem de manco, que refere-se a pessoa com deficiência física. Falando assim associa-se que a pessoa com deficiência física seria uma pessoa que comete muitos erros)

2- Todas as pessoas com deficiência são exemplos de superação.

Substituir por Todas as pessoas com deficiência são diversas e possuem sua individualidade

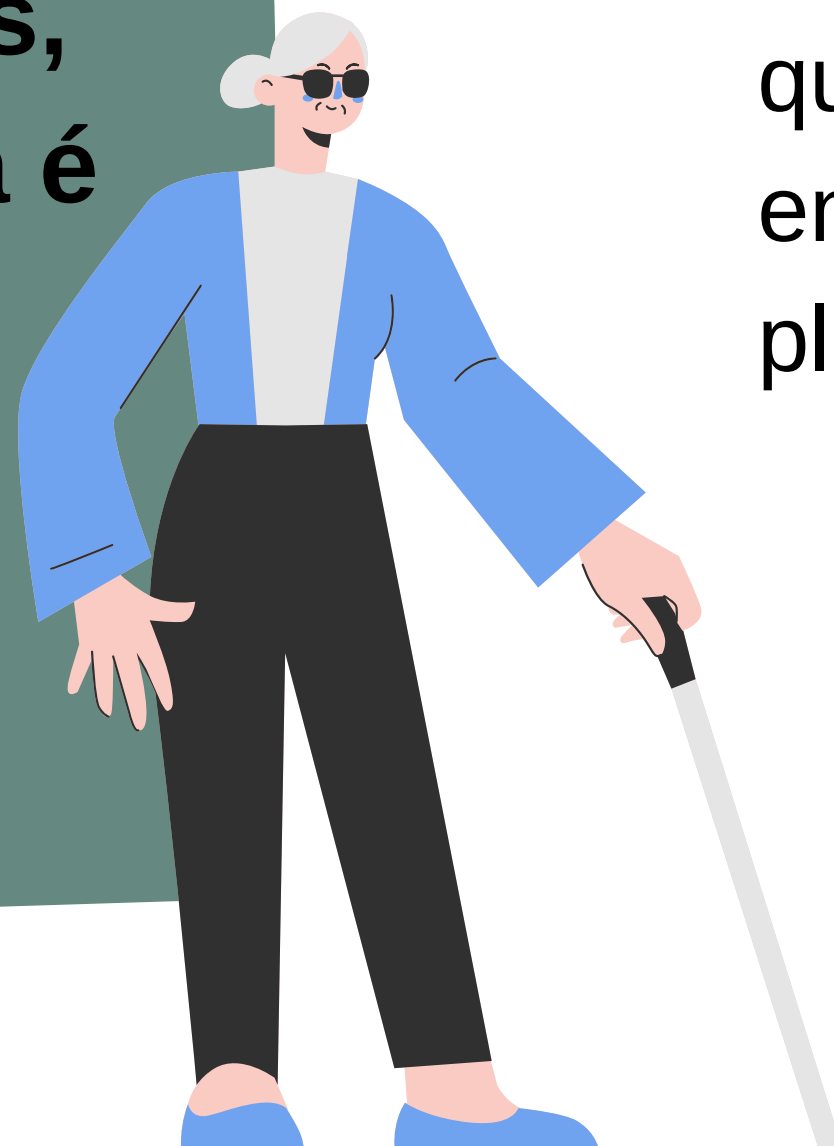
A deficiência não precisa ser superada e, sim, respeitada.

Desta forma, realizar uma inclusão efetiva não é igual a fazer uma receita de bolo ou desenvolver uma fórmula mágica que funcione para todos. Cada indivíduo possui sua especificidade e por isso é necessário ter um olhar mais sensível e humanitário.

Inclusão é fazer com que qualquer pessoa possa se sentir confortável, respeitada e aceita, independente do lugar que ela esteja.



As pessoas não deveriam ser rotuladas, cada pessoa é diferente e única.



Por este motivo, os estudante com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação tem direito de participar integralmente de todas as atividades escolares e em conjunto a outros estudantes que não possuem deficiência. Isso facilita o entendimento a toda a comunidade escolar da pluralidade presente na sociedade.

2. A importância do Planejamento...

Uma prática pedagógica inclusiva promove-se a partir do reconhecimento das potencialidades e fragilidades de cada estudante. Assim, cabe ao professor, em sua atuação pedagógica, o compromisso de avaliar e registrar as conquistas dos estudantes.

Uma aula inclusiva “nasce” no planejamento: gênese de uma aula favorecedora de inclusão!


O planejamento deve ser realizado pensando num contexto que inclua todos os estudantes.



Durante o processo de ensino-aprendizagem é preciso identificar/localizar as barreiras que impedem os estudantes de participarem ativamente na sala de aula para que, por meio do planejamento, possamos elaborar estratégias de intervenção.

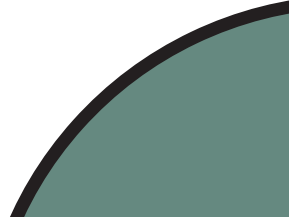
Vamos citar alguns exemplos de barreiras que se materializam na prática pedagógica em sala de aula:


1. materiais escolares não adaptados;
2. a metodologia do(a) professor(a);
3. ausência de planejamento detalhado das aulas;
4. não conhecimento do aluno em seu nível/necessidades/potencialidades;
5. a arquitetura das escolas e das salas;
6. conteúdos ensinados que não são acessíveis a todos, dentre outros...



Dentre as barreiras enfrentadas pelos(as) estudantes com deficiência em sala de aula, as barreiras atitudinais praticadas por professores, gestores escolar, colegas de sala e da própria família, implicam diretamente em ações que desqualificação a constituição de ambientes que devem favorecer ao acolhimento, ajuda, motivação e acima de tudo, respeito às diferenças.

No ambiente escolar, é necessário dar condições não só de acesso (por meio da obrigatoriedade legal), mas garantir meios que oportunizem a permanência e êxito destes estudantes, dando apoio e estimulando a boa convivência escolar e psicológica para que o sentimento de exclusão não faça desse local um ambiente de sofrimento, desmotivação, conflitos e desrespeito.





Quando tratamos sobre **INCLUSÃO**, precisamos lembrar que as especificidades de cada indivíduo não é um problema, mas sim, aspectos que os fazem serem únicos e com potencialidades e fragilidades, sendo assim merecedores de acolhimento para participarem de todas as atividades propostas.



Fonte: Googleimagens



Dicas importantes

1. Em uma prática pedagógica inclusiva a disposição dos materiais utilizados em sala de aula de forma acessível converge para uma prática que produz autonomia dos estudantes;
2. Utilizar uma variedade de recursos e métodos de ensino potencializa a aprendizagem das crianças com e sem deficiência.
3. Reconhecer os níveis conceituais das crianças, saber planejar de acordo com as necessidades de seus estudantes e criar estratégias de ensino favorecem o desenvolvimento de um ensino eficaz para todos!





Assim...



- Uma prática pedagógica de qualidade, inclusiva, precisa ser promovida por meio de métodos de ensino variados (dinamizados) que considere o estilo e ritmo de aprendizagem de cada estudante
- Os valores, crenças e concepções repercutem sobre a organização didático, por isso a necessidade de desconstruir práticas pedagógicas tradicionais
- Não existe homogeneidade quando tratamos de seres humanos e por isso é impossível existir um sala de aula homogênea;
- O desenvolvimento de prática inclusiva requer a desconstrução do estudante “padrão”, do estudante idealizado

Diante destas questões declaramos...



NÃO às atividades pedagógicas desvinculadas da realidade dos estudantes;

NÃO às funções disciplinares reguladoras do movimento dos estudantes

Importante: A realização de um trabalho centrado nos interesses dos estudantes pode potencializar seus estilos e ritmos de aprendizagem.





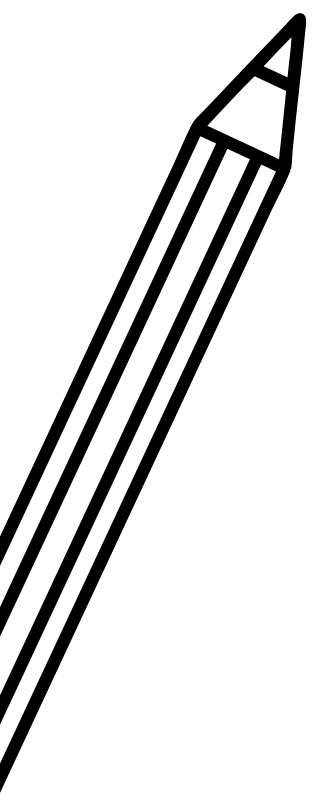
Inclusão: Assunto que precisa ser melhor destacado no projeto político pedagógica das escolas!

O discurso de que é só para atender a obrigatoriedade de matrícula enfraquecem os benefícios da inclusão e não contribuem para a qualificação da prática pedagógica do professor: precisamos de professores(as) que na sua atuação encontrem espaços efetivos de troca, trabalhem com uma rede de profissionais que se apoiem em uma ação colaborativa e recebem formação...

Essa é uma política real de inclusão e desejamos que se torne cada vez mais realidade em nossas escolas.



Fonte: Googleimagens



O aspecto mais desafiadores do planejamento está em levar em consideração os estilos e ritmos de aprendizagem de todos e de cada estudante.

Planejar não se resume aos conteúdos disciplinares, montar material didático, mas também planejar o espaço em que ocorrerá a aula.



Fragilidades do ato de planejar: a inexistência de organização do trabalho pedagógico que vise atender aos diferentes níveis, ritmos de aprendizagem ou características dos estudantes, bem como registro e avaliação das suas conquistas.



É preciso dar visibilidade no planejamento: levantar o conhecimento prévio dos estudantes e suas aprendizagens iniciais e as consolidadas... estas ações são mobilizadoras de novas intervenções visando a evolução de aprendizados.

3. Articulação Professor(a) e Profissional do AEE...

É determinado por lei que haja articulação e planejamento conjunto entre docente da sala de aula regular e profissional do AEE, além da presença deste profissional de AEE em algumas aulas para contribuir com o desenvolvimento pedagógico.

O papel do(a) profissional de apoio/cuidador(a) é auxiliar no desenvolvimento das atividades que envolvem a aprendizagem do aluno(a) com deficiência, prezando pela construção da autonomia do(a) estudante.

Defendemos uma maior articulação entre o professor da sala de aula e o profissional do AEE.

É necessária não só a formação continuada para os profissionais da educação, mas também formação para toda a comunidade escolar... Que todos participem de forma ativa no desenvolvimento de processos inclusivos, a fim de acolher e entender o aluno com deficiência em suas diversas necessidades.

Destacamos também que o profissional do AEE precisa ter um espaço acolhedor, com iluminação e acústica adequada para desenvolver suas atividades em um ambiente propício para a realização de um trabalho com qualidade.



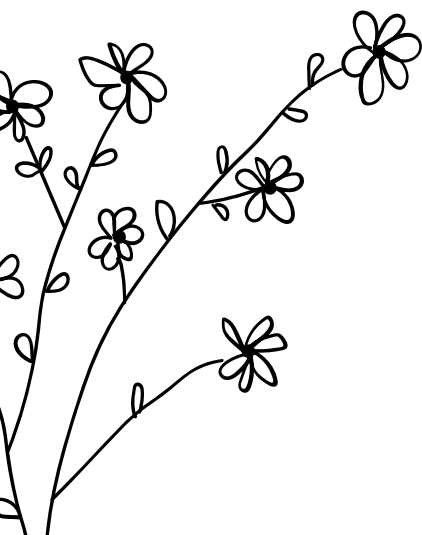
4. A utilização de Tecnologias Assistivas

Tecnologia Assistiva (TA) é um termo utilizado para identificar recursos e serviços voltados às pessoas com deficiência visando proporcionar a elas, autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

Os recursos correspondem a equipamentos, sistemas ou produtos que possam aumentar, manter ou melhorar a capacidade funcional das pessoas com deficiência.

Exemplos:

- Órteses;
- Leitor de tela
- Cadeira de rodas
- Intérprete
- Hand Talk



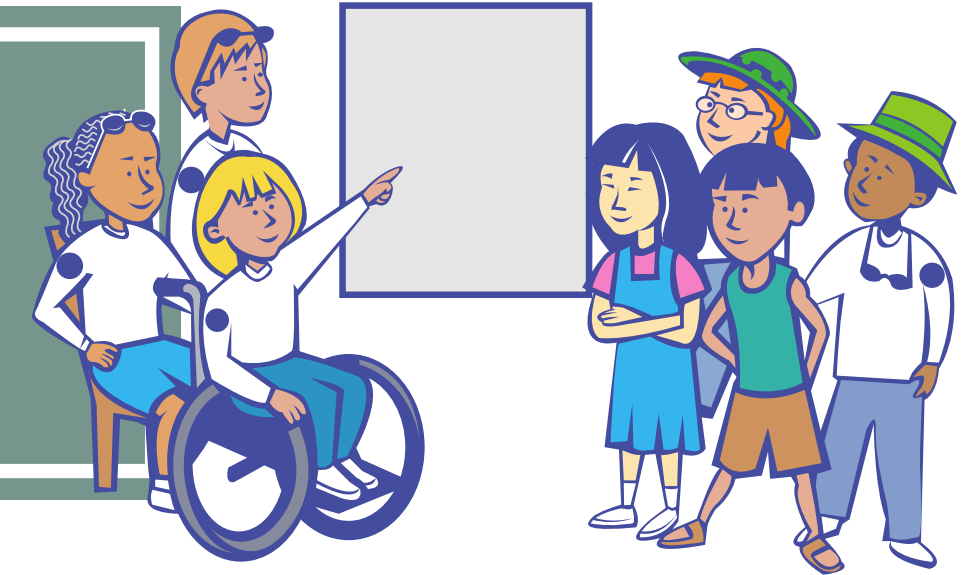


É obrigatório que os docentes conheçam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS para que não fiquem apenas dependentes dos intérpretes. A formação continuada na LIBRAS deve ser oferecida pela própria Secretaria de Educação.

É obrigatório que os docentes, tenham ainda que inicialmente, o domínio de conhecimentos sobre a escrita em Braille e outras tecnologias, a fim de gerar uma comunicação mais satisfatória com alunos cegos e com baixa visão e suas necessidades. A formação continuada nesse sentido, também deve ser oferecida pelas Secretarias de Educação.



5. Práticas Pedagógicas Inclusivas- Recomendações



- Ensinar é um ato coletivo, ou seja, o professor tem que disponibilizar as mesmas oportunidades de acesso ao conteúdo da aula, para que todos sejam incluídos.
- As crianças, independente de suas condições socioculturais e de desenvolvimento, necessitam de atitudes estimuladoras e positivas por parte dos docentes, além disso, elas precisam ter uma maior autonomia, e oportunidade de falar sua opinião ou pensamentos acerca das atividades desenvolvidas, mas principalmente se sentirem acolhidas.
- A prática pedagógica inclusiva requer estratégias didáticas e procedimentos que repercutam na aprendizagem de todos os estudantes, independentes de serem pessoas com deficiência ou não.

- O foco de aprendizagem não deve ser o propedêutico, mas o idiossincrático;
- Que tal as Secretarias de Educação realizarem um mapeamento no qual conste as escolas que não possuem rampas, elevadores, piso tátil e demais instrumentos que condicionem uma melhor locomoção aos estudantes e profissionais do ensino. Identificar para melhorar!
- Esse material deverá ter como objetivo revisar as estruturas das instituições de ensino por meio de reformas estruturais, pois é direito dos estudantes se apropriarem dos espaços escolares integralmente.



- Uma educação inclusiva bem sucedida não tem como partir exclusivamente da/o docente, pois deve contar com o acompanhamento sistemático da coordenação para auxiliar significativamente a ação docente.
- Para que se possa implementar uma prática pedagógica de atenção às singularidades das/os estudantes é imprescindível proceder a uma reconfiguração do espaço, do tempo e das interações sociais estabelecidas na sala de aula.
- O/a professor/a deve levar em conta a evolução conceitual dos estudantes no planejamento e na efetivação das situações de aprendizagem.
- É na exploração da variedade dos métodos de ensino que o docente possibilita ao estudante as melhores condições de aprender; processo de ensino em função da aprendizagem; estudante como referência.
- A ruptura nos modos tradicionais e pouco significativo de realizar as aulas requer modificações de concepções e de procedimentos didáticos.

6. O que não se deve fazer



- Inclusão camuflada: pseudo inclusão. Podemos exemplificar de algumas formas, como por exemplo, quando o professor de sala leva atividades de pintura ou sem ter ligação com o conteúdo da aula, em exclusivo, para o aluno(a) com deficiência. Adaptação curricular não é prática inclusiva!
- Permanecer no estabelecimento de processos históricos de relações sociais negativas junto às pessoas com deficiência, posto que isto prejudica o processo de ensino-aprendizagem..
- Não criar espaços ou atividades para os alunos com e sem deficiência.
- Ter baixa expectativa em relação ao estudante, seja ele com ou sem deficiência, pois tal ato acaba levando ao professor ao não reconhecimento das potencialidades do aluno e ao oferecimento de atividades pontuais e restritivas (presunção de incapacidade)

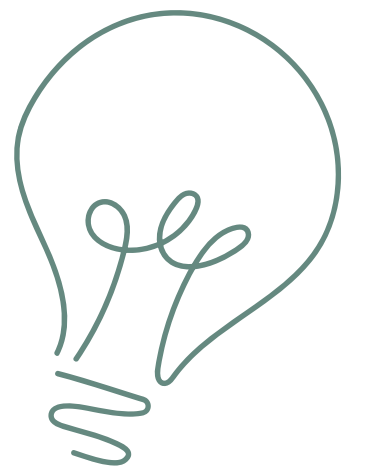
- Errado! Permanecer na crença de que o aluno com deficiência não seja capaz de aprender e, assim, não estabelecer desafios ao estudante.
- Evite frases e expressões capacitistas.
- Não priorize o laudo médico em detrimento as possibilidades do estudante com deficiência.
- Lembre-se de que cada aluno tem o seu ritmo de aprendizagem.



7. Dicas extras



- Sempre use o termo Pessoa com Deficiência.
- Fuja dos extremismos! Não é porque o aluno tem deficiência que ele vai ser o mais inteligente ou o mais trabalhoso.
- Primeiro vem a pessoa, depois a deficiência.
- Tecer reflexão autoavaliativa sobre compreensões pedagógicas possibilita as/aos docentes situarem os pontos frágeis de suas práticas.
- Evite o uso de expressões capacitistas.



VAMOS REPENSAR NOSSAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

A Inclusão acontece quando ...



"Se aprende com as *diferenças* e não com as igualdades"
Paulo Freire

8. Referência

LUSTOSA, Francisca Geny. FIGUEIREDO, Rita Vieira. Inclusão, o olhar que ensina! [Livro eletrônico]: a construção de práticas pedagógicas de atenção às diferenças. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021. 1506 kb: il. ; PDF (Estudos da Pós-Graduação). Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/61678>>



Fonte: Googleimagens